



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA PAULA BRANDÃO BOTELHO GOMES

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-327

Entrevistada: Maria Paula Brandão Botelho Gomes

Nascimento: 1/04/1953

Local da entrevista: Por skype (santa Maria- Porto)

Entrevistadora: Angelita Alice Jaeger

Data da entrevista: 28/01/2013

Transcrição: Angelita Alice Jaeger

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 2 minutos e 20 segundos

Páginas Digitadas: 24

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas; Salazarismo; Primeiras feministas; Proibições às mulheres no desporto; Formação em Educação Física; Congresso As Mulheres e o Desporto; Comissão para Igualdade de Género; Jogo das Raparigas; Género e Desporto; Importância de ações em prol das mulheres no desporto.

Porto Alegre, 28 de janeiro de 2013. Entrevista com Maria Paula Botelho Gomes a cargo da pesquisadora Angelita Alice Jaeger para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.J. - Professora Paula, eu vou seguir um roteiro de perguntas elaborado para a nossa entrevista, focalizando o movimento feminista em Portugal e a relação da Associação Portuguesa Mulheres e Desporto com esse movimento. Também vou perguntar sobre o seu trabalho na Presidência da Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, pois é importante divulgá-lo no Brasil e que nos inspira, uma vez que o Brasil vai sediar nos próximos anos eventos esportivos de grande magnitude.

P.B. – Exatamente

A.J. - Afinal o país está gastando muito dinheiro com estes eventos e se a gente pensar sobre as mulheres e esporte, muito pouco é feito no país, ou melhor, quase nada. Tudo fica...

P.B. - Eu acho que esse é o discurso em muitos os países, com acontecimentos desportivos internacionais importantes nos últimos anos. É evidente que nós não podemos dizer que a situação é igual há 50 anos mas não progrediu o que deveria ou poderia ter progredido. O Brasil também passou por um longo período negro da sua vida política e, portanto, com reflexos para a sociedade em distintos setores e inclusivamente o das mulheres e desporto e por aí a fora. E Portugal também, mas de qualquer maneira, se nós pensarmos, é evidente que... Agora vou fazer saltos na história: desde 1974, portanto, no período do regime ditatorial até agora é evidente que a sociedade evoluiu em imenso em aspectos fundamentais como saúde, educação, etc. Por exemplo, a questão do desporto se desenvolveu mas o índice de desenvolvimento feminino não. Tivemos épocas áureas no atletismo feminino, na década de 1980 ganhavam quase tudo e tinham melhores ou tão boas representações quanto os homens e a participação nos Jogos Olímpicos onde a grande atuação era a das meninas do atletismo. De qualquer maneira, nós vivemos sempre reclamando, é sempre a mesma coisa. Portanto se tu, em qualquer oportunidade, reclusas por maior apoio, melhores condições de trabalho, melhores condições de treino, melhores quadros competitivos, criação do conjunto de infraestrutura, ou seja, são sempre as

mesmas questões. Quer dizer que eventualmente o que possa ter evoluído em alguns setores e em alguns desses aspectos, quer dizer está muito aquém de uma escolha. Apesar do desporto masculino português também não ser nada de extraordinário na Europa, a dimensão do país, do que se investe, do que se faz, portanto, quero dizer que muitas coisas melhoraram, é uma tolice dizer que está tudo igual, não está. Mas precisamente no desporto eu acho que se expor, em comparativo com outras áreas, como a área da saúde que vai ser destruída agora com essa crise, a área da educação. Mas o desporto eu acho que está muito por fazer, portanto, aquelas vagas aos movimentos feministas que de certo modo acompanharam ou coincidiram, são frutos dos movimentos de outros países na Europa e fora da Europa, nos Estados Unidos e por ai a fora. De fato essas mulheres foram um espetáculo, e o que elas reclamavam exatamente em face à época se reclamava em muitos países da Europa e fora da Europa. É em 1924 que parece que aparece a primeira referência ao termo feminismo não é, e há muito em Portugal, em 1924 há de fato um congresso fundamental, o primeiro congresso feminista que mexe, que é resultado de dez anos antes. Em 1914 a realização do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e que inclusivamente nessa, portanto se discutiam as questões fundamentais, como o direito à educação. É engraçado que precisava lei em que aparece pela primeira vez o termo coeducação e o direito à educação e o direito ao voto. E este direito ao voto em plenitude só foi depois em 1974.

A.J. - Sim.

P.B. - Em 1924... Não foi logo, foi em 1974.

A.J. - 50 anos

P.B. - 50 anos que foi preciso para ser atingido esse direito pleno porque no tempo de Salazar¹ ele fez lá uma que outra organização qualquer. A mulher podia votar se fosse a cabeça do casal, se tivesse uma formação superior, quer dizer, era impossível num país analfabeto pensar isso porque nos anos 1960 a porcentagem de analfabetismo era enorme. Imagina isso no fim dos anos 1920, nos anos 1930 e 1940, isso era uma coisa inacreditável.

¹ Referência a Antônio de Oliveira Salazar.

E, portanto, em 1914 esse Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas deve ter sido a primeira sementinha que foi lançada à terra. E depois, em 1924, que é o primeiro congresso que foi importantíssimo.

A.J. - Sim, as mulheres começam a se organizar e vem o governo Salazar e...

P.B. - Exatamente, fica aniquilado todo este movimento. É digamos assim, abafado, aniquilado pelo regime ditatorial de 1926, portanto, podemos dizer que como primeira vaga, há algumas coisas que eram consolidadas. Com certeza há algumas mulheres importantes que tiveram um percurso importante e que fazem parte da história de Portugal nesse setor. São mulheres que resistiram ao Salazarismo de algum modo, ou foram resistindo como puderam ao Salazarismo. Sistemáticamente são três mulheres importantes: Adelaide Cabete², que era médica e que morreu em 1935 e que já era dos primórdios dos movimentos; a Maria Veleda³, que era professora e que morreu em 1955 e a Maria António Palla, que ainda vive, uma jornalista que foi uma mulher muito ativa pela escrita e pela palavra, que é mãe de dois jornalistas, dois indivíduos com alguma proeminência agora em Portugal. Mas há uma senhora que teve uma longevidade espetacular, que eu lembro perfeitamente dela, mas não me lembro de se falar dela enquanto mulher política depois de 25 de abril, que é a Elina Guimarães⁴. Ela nasceu em 1904 ou 1905 e morreu em 1991 e foi uma mulher sempre muito ativa. Formou-se em Direito, foi sempre muito ativa, que não se calou e que se diz que inclusivamente foi a única voz que, de vez em quando, era ativa no tempo de Salazar, no tempo de Marcello Caetano e que, de algum modo teve outro papel muito importante... Que ela fazendo parte dessa primeira vaga do início do século XX e depois nos anos 1960 até os anos de 1980 e ela tinha esse histórico, essa prática, essa influência toda e, portanto, ia fazendo a ponte entre as mulheres nos distintos movimentos. Eu lembro dela pois foi professora em 1991 e era casada com um indivíduo⁵ que durante pouquíssimo tempo, dois ou quatro meses, foi o Primeiro Ministro após o 25 de abril. Uma vez eu encontrei um texto que falava dela e penso que o que estava escrito era uma gralha, porque se não fosse gralha o tom do discurso mostrava que não era gralha. E eu pensei, pelo modo que se está a escrever, isso não é uma graça. Não é, mas é.

² Adelaide de Jesus Damas Brazão Cabete (1867-1935).

³ Maria Carolina Frederico Crispim (1871-1955)

⁴ Elina Júlia Chaves Pereira Guimarães (1904-1991)

Quando tu quer fazer, digamos, jogar com as palavras o que tu estás a escrever, a falar, notas que é um jogo de palavras, e ali naquele pequeno texto não se trata desse jogo; não se nota e falava-se em vez de Elina Guimarães falava-se em Felina Guimarães. Eu acho muito engraçado e fiquei com pena, não percebi se tinha sido de propósito ao escrever uma gralha, então, essa mulher é de fato marcante por distintas questões, até por ser um testemunho de várias gerações, em várias direções e várias lutas.

A.J. - Sim.

P.B. No tempo de Salazar, as vozes contra tinha alguns dos políticos, da religião por ai à fora, desses patriarcados e ia até os agentes políticos, religiosos, dos científicos, porque começa o discurso da biologia e da natureza da mulher. E é evidente que essas coisas que estou a notar são por leitura, por causa dos Congressos porque eu nasci em 1953, em pleno tempo do Salazarismo. Fui educada nas escolas portuguesas com regime salazarista. No meu liceu não muito, mas havia a influência da Mocidade Portuguesa, depois da Mocidade Portuguesa Feminina... Faziam determinados esportes e jogos e nas escolas as meninas aprendiam uma forma de bordar e eu também tive essa disciplina que se chamava Formação Feminina. A minha mãe tinha acabado de me fazer um paninho no tabuleiro, porque eu me recusava e não queria fazer aquilo.

A.J. - Já tinha uma sementinha de feminista nessa recusa?

P.B. - Se calhar sim e era meu temperamento. Mas esse tempo foi muito marcante, até pela repressão política e, inclusive, porque meu pai teve quatro meses preso por sua posição política sem ter culpa formada. E, portanto, isso não passa ao lado, quer dizer, não passava ao lado, julgo, eu da maioria da população. Lá em casa não passou de todo ao lado. E todo aquele jeitinho que esses ditadores, ainda por cima este ditador com um ar de igreja também, um ar sei lá... Era um perfeito misógino. Depois tem aquela artimanha de apoiar algum setor feminino e de fazer obra dos bens e de fazer colônias de férias, e ensinar as pessoas humildes e assim ao fim e ao cabo, controlar. Não estou a dizer que muitas dessas situações não pudessem ajudar as pessoas miseráveis mas sempre com uma situação

⁵ Adelino da Palmo Carlos.

sobranceira, as madames que tem a ensinar as criaturas coitadinhas. É evidente que o desporto feminino nesses anos era muito pouco visível.

A.J. - Havia proibições nessa época à prática de determinadas modalidades para as mulheres?

P.B. - Exatamente, proibições. E na escola, na Educação Física havia um conjunto de matérias que as meninas não faziam, inclusive no meu curso. Quando eu falo isso hoje aos alunos de Educação Física e Desportos, eles ficam a se olhar e a pensar que idade terá essa mulher, de que época deve ser, deve ser velhíssima. Quando eu dizia que no meu curso no Instituto Nacional de Educação Física, eu não tive no atletismo o salto com vara porque era impensável, que eu não tive futebol, por exemplo, e eles ficam a me olhar assim com ar meio de tontos. Não havia salto com vara, era impensável porque aquilo não era uma disciplina feminina. Futebol e, portanto, o currículo de Educação Física era um currículo muito restritivo para as meninas.

A.J. - Na tua formação profissional, quando tu fizeste Educação Física, já era dividido, aulas para meninas e para meninos, na formação?

P.B. - Sim. Aulas para meninas e aulas para meninos na formação. Mas não te espantes muito, porque hoje em dia...

A.J. - No Brasil até meados da década de 1980 foi assim também.

P.B. - A Faculdade do Desporto da Universidade do Porto mantém no primeiro ciclo, portanto, o que nós chamamos aqui a Licenciatura, as aulas do que nós chamamos estudos práticos, a ginástica, o futebol era separados por sexos e continua separados por sexos.

A.J. - Continua?

P.B. - Continua separado por sexos e, portanto, estou a falar em um país europeu, pertencente à Comunidade Europeia e, portanto desenvolvido tanto quanto é possível mas que se julga que rivaliza muito mais as aulas. Mas eu te digo uma coisa: se a Universidade

Lusófona⁶ conseguir ir para frente com essa crise, as aulas não vão ser diferenciadas, as turmas não vão ser diferenciadas por sexo.

A.J. - Sim.

P.B. - Nem pensar, não faz nenhum nexos mas está tão arraigado que em uma reunião, ao falar com um colega que nem sequer entrou no ativo, disse várias coisas. E ele dizia que não podem ser mistas porque faz muita diferença, mas é um estímulo para que as diferenças não sejam tão grandes e a diferença de desempenho não é uma coisa normal, quer dizer, não é por isso que se deixa de fazer a formação de professores e professoras. Mas isso que te digo, quanto à outras universidades, outras faculdades e outros institutos que formam professores de Educação Física se as aulas separadas por sexo se mantêm, mas eu penso que em algumas não. Há outra coisa: voltando atrás que as questões de feminismos e Estudos Feministas e por ai a fora, tiveram amordaçados no tempo do Salazar é porque no tempo de Salazar a Sociologia era uma disciplina prescrita; a Sociologia pode-se dizer que não existia, não se fazia estudos sociológicos, não era uma disciplina universitária. Portanto, a Sociologia era vista como uma disciplina que sequer podia mexer em coisas ou ir à procura de coisas que não deveria existir. Houve gente que lutou contra isso e fez pequenos núcleos de estudo. Mas quer dizer, não era uma disciplina como podia ser a História Portuguesa, ou Inglesa, ou Francesa, ou outra coisa qualquer. Era uma disciplina prescrita, e não quer dizer que fosse proibida na letra, eu penso que sim, mas não tenho certeza, mas prescrita e que ninguém sabia da existência dela, não andava por ai no dia-a-dia, isso é fato. Mas, agora tens que me por no trilho porque eu já saí do trilho....

A.J. - Não, está ótimo, está muito interessante. Mas pensando, então, na própria relação dos Estudos Feministas na relação com o desporto, em que contexto que nasce a Associação Portuguesa Mulheres e Desporto? Em que movimento? Como é que foi essa movimentação? Onde é que partiu? Quem é que foram essas mulheres? O que as moveu a organizar uma associação?

⁶ Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

P.B. - Olha, o primórdio, o nascimento da Associação foi de fato, no Congresso “As Mulheres e o Desporto”. Nesse congresso, apareceu em cena, e eu penso que estou a contar a história direitinho porque eu fui a esse congresso, em 1996, porque ele foi impulsionado pelo Movimento Democrático das Mulheres. O Movimento Democrático das Mulheres é um movimento que nasceu nos anos 1960 não sei exatamente quando 1962 ou 1968. Nasceu na clandestinidade, é um movimento clandestino e é um movimento que é satélite, digamos assim, depois do 25 de abril, do Partido Comunista. E alguém, que eu penso que passou muito, fundamentalmente por ser uma questão do desporto, pela mão de Isabel Cruz e desenterrando o que não se tinha alinhado ainda à Congresso “As Mulheres e o Desporto”.e, portanto, realizou-se esse congresso à luz dos princípios do Brighton, que foi a primeira Conferência Mundial Mulher e Desporto realizada em Brighton em 1994. Elas descobriram que em Portugal, parece que inclusivamente o Secretário do Desporto não foi, que parece que por sinal nem foi à reunião, não tenho certeza. E, portanto, com esse *leitmotiv* organizaram um congresso. A partir daí outras pessoas participaram e, portanto, nasceu a Associação. Mas foi exatamente porque tinha o Movimento Democrático das Mulheres que em novembro de 1996 se fez esse primeiro Congresso. Não é um congresso da Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, mas foi o arranque desse movimento. A partir daí a Associação foi se constituindo em 1997, e sabe-se que aquele primeiro núcleo que se juntou nesse congresso. É evidente que ali tinham duas ou três mulheres com práticas políticas do Partido Comunista e do movimento do Movimento das Mulheres Democratas que foi uma força de arranque. Foi interessante porque eu fui contatada para ir ao Congresso e eu fiquei a dizer: “Mas o que é isso, que congresso é esse?” Porque minha colega também na Associação, a Maria José Carvalho, ela é do gabinete de gestão e fez Direito do Desporto lá na Faculdade do Desporto e era conhecida da Isabel Cruz que também era comunista. A Isabel Cruz tinha jogado handebol, ela também era comunista e quando se começou a organizar esse Congresso de 1996, é claro que começou a ver quem conhecia para participar do Congresso. E a Isabel contatou a Maria José com uma nota para ela mexer. E nesse Congresso reencontrei a Paula Silva e outras colegas. O Congresso foi muito bonito, muito bem organizado, em uma época em que o desporto na Câmara Municipal de Lisboa estava também nas mãos de um comunista e, portanto, isso deve ter ajudado na organização, nos dinheiros. Foi organizado no Teatro Taborda que tinha acabado de ser remodelado. Foi ai que conheci outra pessoa que depois me ajudou a introduzir essa matéria no mestrado em “Desporto para Crianças e jovens”

que foi a Maria Emília Bonafé⁷, de Barcelona. Nesse ano veio a Karen Fasting que fala de mulheres e desporto, principalmente, do assédio sexual no desporto. E outra famosíssima da Sociologia que foi a Jennifer Hargreaves. Foi a partir disso que nasceu a Associação. É evidente que a alguma altura nós tivemos que começar a fazer, não digo que uma luta interna, porque éramos todas amigas, mas alguma contenção. A Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, com todas as pessoas que se interessam por essas questões seja de que corrente for, não poderia ficar colonizada pelo Partido Comunista ou pelo Movimento das Mulheres Democratas. Não pode ser. Mas é evidente que quem trabalha com coração e alma vai deixando as suas marcas, como é óbvio. Isto às vezes, deixa alguma coisinha que fica no ar, que nós nunca aprofundamos muito e quando começamos a ver que algumas pessoas avançavam o sinal dizemos: alto, alto, alto, alto!!! Entendemos que a religião ou o partido político, qualquer que seja, não tem que interferir na organização e essas pessoas, é óbvio, sendo associadas, precisam respeitar a Associação, o estatuto da Associação, os objetivos da Associação. Nós sempre tivemos o cuidado de não fazer uma política unidirecional. No entanto, de fato essa Declaração de Brighton não se fez e, infelizmente, no caso de Portugal ela continua atualíssima por todos os princípios ainda não estão cumpridos e muito longe de estarem cumpridos. É, portanto, atualíssima. E há uma coisa que nessa altura a Associação Portuguesa Mulheres e Desporto assinou a Declaração e nesse congresso, assinaram outras pessoas... Em 1996 concomitantemente ao congresso, até porque o congresso tinha como marca a Declaração de Brighton, ganharam-se 1000 e tal assinaturas.

A.J. - É um número expressivo!

P.G. - E é engraçado, não tem piada nenhuma porque isso mostra a ignorância das pessoas que estão em polos importantes. São muito novos, tem uma visão, se calhar, pouco aberta do desporto e do que é o desporto. Em novembro de 2002, eu e a Paula Silva fomos convidadas pelo Secretário que agora chamamos de Juventude e Desporto, o Secretário do Desporto para irmos só um dia em um Seminário em Lisboa sobre Mulheres e Desporto. Estava lá a Isabel Cruz como convidada e outras pessoas que costumam; o Comitê Olímpico estava lá na abertura e o Secretário de Estado, na sua inocência - porque também

⁷ Nome sujeito a confirmação.

essa gente nunca pergunta nada, nunca pedem ajuda - na sessão de abertura, dado os primeiros trabalhos, montando os computadores e assina. Ele assina a Declaração, chama outras pessoas que querem assinar, como se fosse uma coisa, quer dizer como se tivesse fazendo um feito, como que ninguém tinha feito em Portugal. Depois à tarde ouviu pela voz da Isabel Cruz que em 1996 mil e tal assinaturas tinham sido realizadas quando do 1º Congresso as Mulheres e o Desporto, do Congresso Internacional em 1996, estas a ver como está?

A.J. - E 6 anos depois...

A.J. -Então o impacto da Declaração de Brighton, começou nesse evento, mas muito pouco se avançou a partir dele, em termos políticos?

P.G. - Pouco se avançou porque a União Europeia que também tem recomendações e essas recomendações que passam sempre e os indivíduos vão lá, sabem dessas convenções, recomendações e dessas nomenclaturas todas dos documentos que vão produzindo. Mas, se perguntar se existem reflexos, quer dizer, primeiro o cidadão comum nem sabe o que é. Existem reflexos? Não. Se fizessem um pequeno inquérito com os centros desportivos, aos diretores se sabem o que é a Declaração de Brighton, se sabem o que foi produzido da União Europeia em prol do desporto das mulheres, eles nem sabem da existência. Eu penso que isso passa completamente ao lado, porque isso acaba por não ter reflexo. Evidente que como se dizia a certas alturas que é preciso fazer relatório é preciso fazer qualquer coisa, fala-se nisso, porque Portugal assinou, porque Portugal não sei o que, porque Portugal, porque o governo já apoiou não sei quantos milhares e não sei o que mais, mas isso...

A.J. -Fica restrito a um grupo de pessoas que já estão envolvidos com isso e não precisa falar o mesmo para as mesmas pessoas.

P.G. - Exatamente. As pessoas envolvidas e, portanto, que não sabem também. Até parece que é uma coisa caseirinha e de um nicho só. É evidente que uma Associação que já tem alguns anos agora e se chama Comissão para Igualdade de Género (CIG), mas que foi Comissão para Cidadania e Direitos, já passou por muitas nomenclaturas. Terá sido,

Comissão para Igualdade e Direitos da Mulher, e portanto são, digamos, dependentes do governo, entidades tuteladas pelo governo, é evidente que quando começaram a aparecer dinheiros da União Europeia para projetos para a promoção da igualdade, e contra a violência doméstica, e por aí a fora... Nós temos concorrido e ganhamos alguns projetos e foi possível termos projetos financiados que correram muitos anos e muito bem, incluindo o “Jogo das Raparigas”⁸. Portanto, nós somos respeitadas nessa Comissão pelo fato de termos trabalhado muito bem; tínhamos muito cuidado porque há processos burocráticos horríveis e bem controlados, e portanto, nós somos consideradas das mais certinhas e fazíamos as coisas com mais cuidado de modo que representávamos bons projetos. Agora isso vai acabar né, vai acabar.

A.J. - Pois é, agora com essas condições financeiras, econômicas e tudo mais, vai ficar mais difícil ainda. Se antes já tinha pouco dinheiro para investir, agora vai ficar mais difícil ainda esse trabalho.

P.G. - Vai ficar mais difícil ainda e a história diz-nos que nesses momentos de crise e de pobreza, a violência doméstica aumenta, tem aumentado inacreditavelmente. E todas essas questões que nós andamos a lutar e a trabalhar, esses valores ficam secundarizados quando, pelo contrário, devia ser motivo de investimento. Exatamente, deveria ser motivo de um reforço e como sabes também que, quando as entidades formadoras de professores, estou a falar de Educação Física e Desporto (pois as outras eu não conheço) não tem uma forte componente dessas questões, ou seja, quando não tem dimensão de gênero como uma dimensão transversal... Mas o desporto é uma matéria onde pode-se ver a olho nu, isso que nos desperta atenção. É evidente que as coisas não evoluem. Eu fiz um esforço e introduzi isso - não sozinha - mas como eu era a mais graduada naquela altura e eu dava força e a Paula Silva a Maria José Carvalho e tem a Paula Queiros fazendo algumas coisas e, como vocês dizem, tem respaldo. Mas agora isso vai esmorecer porque estou lá sozinha, e portanto, houve uma oportunidade no governo anterior do Sócrates que viu que as questões das mulheres, da violência contra as mulheres e não sei o que era o chamariz, e o casamento homossexual que havia pessoas que eram contra, mas estava em uma altura em que as pessoas diziam sim, se perdeu uma oportunidade fundamental de discutir a

⁸ Projeto que tem como objetivo contribuir para o aumento da participação das raparigas e mulheres no futebol/futsal.

formação de professores com essa dimensão, com essa matéria porque nós sofremos essa revolução que foi adequado à formação ao formato “Bolonha” e que vinha a ser uma oportunidade... se as pessoas quisessem introduzir essa dimensão, quando se fala “isso é diversidade” é mais que diversidade. Essa dimensão da diversidade é transversal e corta e passa e influi em todas as outras... Esse foi de fato o partido que ninguém quis saber, ninguém quis saber. Nós na Faculdade do Desporto e ainda fui eu que fiz ajustar o programa do Mestrado em Desporto, Crianças e Jovens, fizemos adequações ao programa para que no primeiro ano do curso do mestrado servisse ou fosse reconhecido pelas federações como uma parte na formação de treinadores. Eu mantive essas questões; nós mantivemos e na Faculdade houve uma espécie de secundarização dessas questões quando eu deixei de ser a Diretora... Sai de lá, e portanto, não houve também força ao nível das entidades do desporto para manter o debate das questões de gênero no desporto. Porque o manual da União Europeia sobre formação e os graus de formação de treinadores não tem grandes especificações, não diz que tipo de conteúdo e não fala na dimensão de gênero na formação de professores. Que dizer, as pequenas oportunidades são sempre perdidas porque nesses momentos há pessoas preocupadas, há pessoas interessadas, há pessoas que trabalham mas não conseguem... Na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto até o ar que respiras chegar nas comunidades, Muitos acham que não é preciso, mas isso faz na diferenciação do ensino...

A.J. - Exatamente. Para um professor poder trabalhar com turmas mistas é preciso que ele tenha aprendido a fazer isso, e se ele não aprender isso na universidade o que ele vai fazer quando chegar na escola?

P.G. - Aprendido e tentar que esse tipo de formação e informação permita que reconverta algumas práticas, reveja posturas, reveja práticas, porque mesmas - e estou a falar por mim, estou a falar por conversas com outras colegas - tendo essa preocupação e esse interesse genuíno, vez em quando dissemos: “Olha que estupidez o que eu disse! Que estupidez que eu fiz!” Nós próprias e até aquelas pessoas que passam ao lado, dizem que isso é conversa e que isso não interessa. Está lá, que tonteria! E, portanto, é uma pena porque o pouco trabalho que fizemos lá eu estou convicta que vai se perder.

A.J. - Porque fica ligado a pessoas e não a uma ideia, uma luta e algo bem maior do que..

P.G. - Uma prática instituída que passa a ser natural, não é a maneira que se trata outros assuntos.

A.J. - Sim, exatamente.

P.G. - Porque e esse assunto de algum modo não seria muito difícil. Ao fim de um tempo nós conseguirmos sensibilizar os nossos estudantes e as nossas estudantes, exatamente pela sua dimensão transversal. E a partir da história da Educação Física e Desporto ela ia aparecer; eventualmente, poderia aparecer com uma característica menos biologicista nas anatomias e nas fisiologias e aparecer na pedagogia e aparecer eventualmente na sociologia e aparecer eventualmente na psicologia...

A.J. - Sim, sem dúvida. E a questionar um pouco esse predomínio biologicista que serve como resposta para todas as diferenças e para todas as desigualdades.

P.G. - Essa explicação biologicista parece Aspirina, serve para tudo!

A.J. - E dentro desse contexto difícil que está agora, como é que a Associação vem trabalhando, o que vocês estão pensando em termos de projetos?

P.G. - Olha, não estamos a pensar nada no momento. Primeiro as pessoas que estiveram diretamente ligadas e trabalhamos dia-a-dia e noites nesse projeto megalômano do “Jogo das Raparigas”. E eu estava com muito receio porque havia muito dinheiro envolvido. Pois, a União Europeia envia os feixes de dinheiro para esse projeto, mas não sei o que se passa lá no governo, pois o dinheiro ficava lá um estantinho a aquecer um cofre até ser distribuído. Então, nós passamos por momentos muito mal, que podia ter corrido muito mal porque ao fim e ao cabo era um projeto de 1 milhão de euros e isso era uma fortuna. Por outro lado, ainda que as pessoas que trabalharam nas distintas regiões de Portugal no projeto e que gostavam de futebol e que percebiam quais eram os objetivos da Associação e objetivos do projeto e que se entregaram de alma e coração ao projeto... Nós tínhamos contrato de trabalho de prestação de serviços com essa gente que esteve meses e meses

sem receber. Ou seja, se pusessem a Associação no Tribunal, eu, Maria Paula Brandão Botelho Gomes, eventualmente até poderiam penhorar a casa ou a empresa.

A.J. -Que situação delicada!

P.G. - Agora vai haver menos dinheiro. A Associação não tem dinheiro para fazer projetos e, eventualmente, pode ter sempre que for convidado ou puder ir a qualquer sítio e mostrar o que faz. Era importante fazer outro congresso, mas não sei com que dinheiro. O último foi em 2008 e já está mais que na hora. Mas, não se fez porque com o projeto era muito difícil fazer tudo ao mesmo tempo; agora vai ser muito difícil, muito, muito complicado. Portanto, há meia dúzia de coisas que se poderia se fazer, quer dizer, pode-se colocar no *facebook* para anunciar o site da Associação para qualquer coisa, nem que seja minúscula, mas que se faça e que apareça. Agora, a outra questão que eu penso: com o número de pessoas que trabalharam nesse último projeto, o número de jogadoras envolvidas e de meninas que jogavam bola que se envolveram no projeto e eram em nível nacional e manter esse *facebook* é bombar, como a gente diz. Essa gente quer notícias e, eventualmente, podem ser porta-voz de algumas coisas e relatar alguns fatos que passam nas suas vidas e no desporto: as dificuldades, ou seja, para fazer ali quase que um mini observatório ainda que não seja muito alargado, mas um mini observatório. Isso era bom porque, para se manter alguma coisa viva, mas não sei exatamente, há um tempo fazemos que não nos encontramos formalmente como uma reunião e qualquer diz temos que fazer esse encontro. Porque tem os cortes no ensino superior e o número de pessoas que eu conheço e eu penso que em todas as escolas de ensino superior, ou seja, as pessoas vão se reformando e vão se indo e não entra mais gente nova porque os orçamentos são diminutos.

A.J. - Apenas aumenta as atribuições de quem já está trabalhando.

P.G. - Exatamente, fica mais sobrecarregado de trabalho, portanto, fica com menos tempo para essas situações. E nesses tempos de crise em que as pessoas todas precisam mostrar muito serviço e ainda por cima vão se aproximar as eleições autárquicas para as prefeituras. Na Câmara de Lisboa se vê tanto trabalho e tanto coisa que os indivíduos não sabem o que é o desporto, não sabem o que se tem feito em Lisboa, mas querem sempre

inventar coisas diferentes, visto que estão à caça de votos. Não é uma época fácil, no entanto, vai-se fazendo o impossível e sempre que pudermos também associar-nos a qualquer organização que a Comissão Cidadania e Igualdade de Género (CIG) faça, nós aproveitamos sempre. Mas, às vezes cansa sabes. Até cansa porque temos que repetir coisas que repetimos desde 1996.

A.J. - E para a gente fica desgastado, parece que aquilo: “o que eu vou falar isso se todo mundo já sabe”. Mas não, tu tens que repetir, repetir e repetir porque tem alguns que não sabem.

P.G. - Repetir e repetir.

A.J. - Exatamente.

P.G. - Uma coisa que se poderia fazer eventualmente era... De fato, todos nós temos coisas pra fazer, ou seja, é preciso mostrar a Associação e o que já se tem feito.

A.J. - Sim, porque já tem um trabalho de mais de uma década, uma década e meia, que pouco também se conhece desse trabalho.

P.G. - Exatamente, os documentos que nós fizemos dirigidos fundamentalmente para a escola, para o desporto na escola e a CIG, são organizações dependentes do estado. Mas, é tudo é um mistério: a) Secretaria de Estado, b) Tutela, entende? E, portanto, poderia aproveitar esse trabalho feito para fazer política nas escolas, não só no desporto, mas em outras matérias e em outros locais e não se faz. Se tu fores à pagina da CIG, está um bocado escondida, vale a pena perceber como tem trabalhado aquela organização desde que foi criada. E foi criada primeiro por Maria de Lourdes Pintasilgo⁹ que foi a única Primeira Ministra aqui em Portugal, se percorreres listas das publicações é uma coisa e a maior parte das pessoas não conhece. Tem ali uma riqueza extraordinária e que está lá, mas, quem conhece? Alguns mandaram distribuir para a biblioteca das universidades, mas se ninguém utiliza no seu trabalho do dia-a-dia....

⁹ Maria de Lourdes Ruivo da Silva de Matos Pintasilgo (1930-2004).

A.J. - Se ninguém utiliza no seu dia-a-dia acaba ficando na prateleira da biblioteca, e mais nada. Então tem que ter mais pessoas interessadas na temática, mais pessoas percebendo que ela é extremamente importante e que ela atravessa as ações cotidianas do nosso trabalho e no nosso dia-a-dia.

P.G. - Exatamente, nós fizemos algumas coisas, mas ninguém sabe. Em 8 de março de 2006 nós fizemos uma declaração: "*O Desporto: uma oportunidade para a igualdade entre mulheres e homens no desporto*". E quando nós representamos essas coisas e vamos nas entidades importantes para assinarem e ninguém sabe. O Comitê Olímpico de Portugal assinou; o Comitê Olímpico tem uma política que se seja consistente? Não! A Organização Internacional para o trabalho assinou, mas essa ainda de vez em quando fala dessas coisas. A Comissão para a igualdade no Trabalho e Emprego também assinou; o CIDM, que é a Comissão para a Igualdade dos Direitos da Mulher também assinou, é óbvio, o Instituto de Desporto de Portugal também assinou, todas assinaram o que quer dizer: cumpriu-se o momento e ponto final.

A.J. - Exatamente.

P.G. - Cumpre-se o momento.

A.J. - Exatamente, cumpre-se o momento, faz-se o que é parte do protocolo, mas as ações que seriam fundamentais não são feitas...

P.G. - Não são feitas. E essas ações fundamentais são ações que demoram muito tempo para ter resultado, pois a única maneira de se fazer as coisas com consistência é pela educação, pela formação. Quer dizer, estamos a perder tempo. Eu não acredito que as pessoas que tenham essa preocupação genuína com a dimensão de gênero, com a dimensão dos direitos das pessoas, de homens e mulheres, os direitos. Isso passa também pela formação pessoal, ou seja, diz-se que alguns aspectos da nossa personalidade e na nossa maneira de estar na vida e fazer as coisas também, acabam por melhorar e, portanto, aqui não há prejuízo para ninguém, a não ser alguns indivíduos que acham que... Porque eu acho que no íntimo há um grande entrave, ainda que vivamos em um sociedade

democrática, e ainda se perde terreno, se perde alguns privilégios, se perde a voz, alguns tem que repartir a voz com elas, e por ai a fora. Quer dizer, não há outra explicação de fundo. As mulheres já trabalham, as mulheres já votam, as mulheres vão à escola, as mulheres tem direitos, as mulheres, era só o que faltava não ter direitos, não é?

A.J. - No Brasil se diz: “Agora vocês tem uma presidente¹⁰, o que mais vocês querem?”

P.G. - Exatamente, me espanto, mas não sei exatamente como é que isto vai. Estes meninos neste governo são muito jovens, eu não sei como vai. E não tem dinheiro e falta de dinheiro, estão a vender Portugal muito barato. As coisas boas estão sendo vendidas e, portanto, qualquer dia... Só temos o fado e a sardinha assada.

A.J. - Tem o vinho do porto também que é uma delícia, tem o bacalhau, tem as pessoas, tem grandes amigas, tem muitas coisas boas.

P.G. - Exatamente.

A.J. -Mas, eu penso que possivelmente o nosso discurso não seja enfático o suficiente, e talvez a gente tenha que falar mais e mais vezes e em maior número de situações. E também acho que o que a gente fala, que é sobre essas questões de gênero, mexe muito com aquilo que é tomado como normal pela sociedade.

P.G. -Claro, claro.

A.J. -E quando a gente mexe com essas coisas de fundo, tu estás mexendo com aquilo que as pessoas acreditam, seus valores, suas crenças, e é difícil lutar nessa direção.

P.G. - Exatamente. As crenças só se alteram, só se desfazem se a pessoa tiver noção disso. Senão pelo contrário, cada vez elas ficam mais fortes no sentido de se defenderem desses ataques e das mulheres, ou seja ficam mais fortes, mais arraigadas, mais fortes, portanto o discurso, o discurso político, o discurso de circunstância pode ser mais suave, suavizado.

¹⁰ Referência a Dilma Vana Rousseff.

Mas, isso não representa uma alteração, uma alteração de políticas e por aí a fora. E depois há muitas mulheres que não ajudam, não é?

A.J. - Exatamente.

P.G. - Há muitas mulheres que não ajudam e pronto. E as coisas então por esse interior, por essa gente do interior e por aí a fora. Às vezes se encontra nas camadas jovens algumas reações que é impossível como um rapazinho assim novo ter um discurso e comportamentos para se afirmar na sua masculinidade. E essas coisas ficam porque, se é isso que se vê em casa, se é assim que foram educados, é muito difícil, é muito difícil, e o que nós temos é continuar a insistir, ser chatos, continuar a insistir e as pessoas que se interessam por essas coisas e fazem dessas coisas, ou tentam fazer dessas coisas um aspecto importante da sua vida, tem a dizer, repetir, uma, duas, três vezes. Não deixar que seja uma conversa ou um discurso mais abusivo, ou mais torto; somos iguais e assim começamos pela nossa casa, começamos por nosso lugar de trabalho, por nossos alunos, por todos os sítios onde ouvimos essas conversas tortas e não se pode ficar calada.

A.J. - Aqui no Brasil a nossa presidente pediu para ser chamada de presidenta e teve uma discussão grande entre linguistas e especialistas na língua portuguesa para ver se era correto ou não esse uso. Alguns concluíram essa declinação poderia ser utilizada. Em setembro do ano passado, a presidenta aprovou um decreto que determinou a declinação no masculino ou no feminino em todas as profissões, tanto é que agora teve um encontro de prefeitos e prefeitas. Então ações como essa, por mais que pareçam pequenas, na representação social é um grande passo porque as pessoas começam a perceber e a visibilizar as mulheres. Parece que está dado: falou presidente, está falando de todo mundo mas não está falando de todo mundo porque já se pensa em um presidente homem, então, tem que demarcar esses espaços.

P.G. - É como se presidente já tem um sexo.

A.J. - Exato, essa palavra tem história.

P.G. - Aqui também, quando surgiu essa polêmica no Brasil, e já tinha surgido em outras situações. Aqui se falava que não se poderia declinar, que não se declina. Mas, enfim, eu acho que essa mulher foi brilhante, apesar das discussões dos linguistas, passa o decreto e está feito.

A.J. - E está feito, sim. Por isso precisamos lutar no dia-a-dia, desde a sala de aula até as reuniões com os colegas, em diferentes contextos, enfatizando que há diferentes modos de nos constituirmos homens e mulheres e, sobretudo, buscando a visibilidade as mulheres. Isso porque a língua portuguesa acabava por omitir a presença feminina e escondeu por quantos séculos as mulheres?

P.G. - Excluiu. Vocês estão em uma época boa e as pessoas se interessam por esses assuntos, as feministas assumidas e as não feministas, como queriam. Portanto, a Silvana¹¹ e tu conhecem Portugal e já perceberam que isto não dura, e portanto, se vocês conseguirem com esta presidenta no Brasil, com aquela Beatriz¹², aquela mulher fenomenal que nós conhecemos em Porto Alegre¹³ e está fazendo um trabalho excelente... Com certeza é preciso deixar âncoras e não quer dizer que depois essas âncoras mais tarde não possam ser levantadas, mas algumas vão ficar e isso altera definitivamente alguns aspectos. A primeira coisa que se tem que alterar é em termos legislativos, embora que aprovar um decreto não significa que as alterações na vida real apareçam, mas tem que começar por aí. As pessoas podem aproveitar essa onda e de fato o desporto está na vida de todos os brasileiros e aproveitar de fato para maiores visibilidades para as mulheres, alterar algumas situações de organização que estão desequilibradas e deixar âncoras. O Campeonato Mundial de Futebol, os Jogos Olímpicos são muito importantes e vocês estarão nesses anos todos a viver o desporto... Se a formação for bem feita, bem dirigida, se houver um conjunto de mecanismos que ajudam, obrigam, não sei, que algumas práticas sejam feitas exatamente de modo distinto, é possível que algumas coisas fiquem, ou perdurem depois de acabar esses anos todos onde o rei é o desporto, e portanto, toda a

¹¹ Silvana Vilodre Goellner.

¹² Referência a Beatriz Helena Matte Gregory, da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República.

¹³ Referência a participação no Seminário Internacional Mulher e Esporte: diálogos entre Brasil e Portugal, realizado na Escola de educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul dia 11 de outubro de 2012.

gente vai ver a volta do desporto e por aí a fora. E isso começa logo também pela formação das pessoas que estão na organização disso tudo. Há o indivíduo que cuida do material, o indivíduo que planeja, que coordena, que faz as avaliações, portanto, isso eu acho que alguma coisa poderia alterar. Evidente que nessa altura alterar se o poder instituído organiza dessa maneira e manda fazer dessa maneira, mas é possível que ficasse alguma coisa nova na sociedade, nas organizações das pessoas se, de fato, aproveitassem isso a sério esse fenômeno do desporto. De fato aproveitar a sério, fazer alterações e educar as pessoas.

A.J. - Eu fico pensando no quanto o Brasil e até os nossos estudos, o quanto a gente tem que aprender e a fazer. Enfim, não sei ainda vamos viver em uma sociedade diferente, mais igualitária. Mas, o que se vai viver futuramente depende muito do que se faz hoje.

P.G. - Exatamente, e há outra coisa. Sabes, que quando nós começamos a tratar esses assuntos e conversar com outras pessoas, porque de fato Portugal não é um país em que o desporto seja um expoente, as pessoas ficavam admiradas, porque essas coisas não faziam parte da vida do desporto. E ficavam admiradas porque eu acho que o desporto é de fato um dos campos, um dos cenários que mais acentua essas discriminações. Eu nem sei mais adjetivos para classificar de fato o que se passa no desporto, e não quer dizer que o desporto seja mais importante que todos os outros setores culturais e sociais da sociedade mas é aquilo que nós conhecemos. É o que nós conhecemos e ponto final.

A.J. - Exato, eu digo para os meus alunos e alunas que o meu projeto é um dia ter uma mulher treinando a seleção brasileira de futebol.

P.G. - Isso para nós é o espanto máximo, porque a expressão do futebol no Brasil é enorme, na Europa também. Quer dizer, é um centro de masculinidade, outros esportes também muito comentados como rugby. Aqui em Portugal são muito menos expressivos, é o futebol, através do futebol e também o atletismo, mas é o futebol, é o futebol. É refúgio dos indivíduos, quando se sentem 'picados', vão até o futebol.

A.J. - E a gente vê que na Europa tem países, acho que mais a Alemanha que tem mulheres ascendendo em cargos de técnica e tudo o mais e não só como atletas do futebol. Mas

claro, que eles também passaram por uma estruturação. Houve um projeto de incentivo às mulheres, então, acho que também serve para gente pensar que dá para fazer, dá para chegar lá.

P.G. - Exatamente. Eu acho que a gente não pode desistir, todas essas fases são importantes e de vez em quando temos um sucesso; outra vez vivemos um retrocesso, mais adiante levamos uns tiros de raspão, mas a gente é forte. Os exércitos podem ficar mais abalados, mas vamos para a frente mais uma vez. Eu ainda fiz algumas notas e pensei em algumas coisas. Por exemplo, o Comitê Olímpico Internacional tem força suficiente para ter mais avanços mesmo que depois, muitas vezes, até as datas limites para atingir um conjunto de objetivos muitas vezes não se concretizam. A questão da liderança das mulheres no desporto, em 2012 na Conferência Mundial Mulheres e Desporto que acompanha e que antecede sempre os Jogos Olímpicos, uma das propostas ou um dos objetivos que ficou articulado desde 1996 foi mais mulheres em cargos diretivos do desporto. Isso desde 1996, percebes? Inclusivamente, salvo engano, em colaboração com a ONU para promover a igualdade ou equidade de gênero. Ou seja, estas declarações e esses itens aparecem em quase todas as declarações, das conferencias mundiais mulheres e desporto, são conferencias que de algum modo estão associadas ao Comitê Olímpico Internacional e que depois de destituírem a Comissão Mulheres e Desporto, em 2004, quer dizer... Uma coisa é dizer: porque não sei! É porque em Portugal o modo como se fazem as coisas, muitas vezes mal feitas, das mulheres no desporto, a leitura e interpretação que é sempre como interessa. Portanto, dizem que houve um grande progresso no ténis ou no basquetebol ; só no ano passado na federação ou nas associações cresceu o numero de inscritos foi de x para x. Mas o que interessa saber é se esses indivíduos mantiveram-se na pratica ou foi alguém que fez uma propaganda do basquetebol, ou um campeonato de basquetebol que reuniu a população, ou os miúdos e as raparigas começaram a pedir aos pais que queriam ir para o basquetebol, quer dizer, e depois não tem continuidade. Quer dizer joga-se com os números, são uns verdadeiros malabaristas de circo e pior do qualquer malabarista de qualquer sítio internacional.

A.J. - E os números acabam mascarando a realidade e com os números faz-se o que quiser.

P.G. - Exatamente. Nós temos pouco dinheiro para mantermos as relações que criamos no Congresso Mulheres e Desporto em 1996, foi antes da criação da Associação. Por exemplo, a associação mais antiga é a International Association of Physical Education and Sport for Girls and Women (IAPESGW) que é do pós-guerra e que se mantém, e que por muito tempo a Margaret Talbot (1997-2004) foi presidente, que é nossa amiga e veio cá para um congresso. Essa Associação de dois em dois anos, ou três em três anos faz um congresso. As universidades não dão dinheiro para ir nesses congressos; eu, por acaso fui em um, e ainda arranjei um dinheiro na Faculdade que mandou depositar para esse tipo de congresso, mas agora não dão para nenhum. Mas se não tem dinheiro e nem se pode pedir a alguém que trabalha essa temática, tem que se pagar do seu bolso. Talvez no próximo congresso a Paula Silva possa ir, porque ela tem o dinheiro lá no CIAFEL (Centro de Investigação em Actividade Física, Saúde e Lazer da Universidade do Porto) para gastar, não sei se ela vai ou não, mas será em Cuba. Portanto, quer dizer ela tem mais algum dinheiro e se associa se for possível a fazer férias nessa altura por lá. O anterior foi na África do Sul, porque muitas vezes eles escolhem o local do congresso e faz-se qualquer coisa do desporto e no aspecto político se vai pensar para que as mulheres tenham mais visibilidade no desporto. Bom, essas são nossas parceiras privilegiadas, trocamos alguns e-mails, algumas *newsletter* e teoricamente a Associação Portuguesa Mulheres e Desporto é associada. Eu fui em um congresso no Canadá. No europeu o *Womens Sports Group* nós também temos um pouco de relações, a associação precisava ter outra estrutura, a associação precisava ter muito dinheiro para ter uma pessoa que fizesse esse papel, de sistematicamente estar nesses locais, ter contatos, ter parcerias, etc. A *Le Femme Sport*, também é uma organização interessante, a *Womens Sport Foudation*, no Reino Unido, ou seja, nesses locais: Alemanha, Reino Unido, França, com certeza só aqui na Europa não era muito difícil nos articularmos e fazermos alguma coisa; mas é preciso ter dinheiro para pagar o avião, para pagar as inscrições, para ficar lá, ou se há uma reunião para ir lá, quer dizer, alguém tem dinheiro para isso e a Associação não tem. Portanto, um dia quando sair o EuroMilhões, com o primeiro prêmio, tu vais ouvir falar em 2013 da Associação Mulheres e Desporto. [risos]

A.J. -Vou ouvir inclusive aqui em Santa Maria. [risos]

P.G. - Nós até vamos fazer de vez em quando convidar gente do Brasil para trabalhar conosco, vai ser um fazer malas, e desfazer malas, fazer malas...[risos]

A.J. - Já estou me candidatando! É, fica difícil quando a solução é o EuroMilhões. É temos muito trabalho!

P.G. - Temos muito trabalho. Com o Euromilhões poderemos chamar as brasileiras para trabalhar com a gente: Angelita, Silvana, Ludmila¹⁴...

A.J. - Tenho certeza que assim como eu, nossas amigas, também adorariam. Nossa parceria tem sido muito gratificante para nós todas. Professor Paula, mais uma vez agradeço a gentileza de conceder essa entrevista. Ela é muito importante para registrar alguns dos percursos e das lutas das portuguesas pela melhoria do desporto. Que nos inspire aqui no Brasil. Outra vez, muito obrigada.

P.G. - Eu é que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁴ Ludmila Mourão.